

P9 – 9.º ANO
Português



GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA

ANA SANTIAGO • SOFIA PAIXÃO

MATERIAL EXCLUSIVO
Professor

- ✓ «A palavra mágica»,
de Vergílio Ferreira
- ✓ «O suave milagre»,
de Eça de Queirós
- ✓ Cenários de resposta

**Consulte
na pág. 1 deste
caderno os restantes
guiões, disponíveis
a partir
de setembro.**

ÍNDICE

«A palavra mágica»	2
«O suave milagre»	10

Em alternativa às obras apresentadas no manual, a Texto disponibiliza **6 guiões de leitura e escrita** de outras obras da lista referente à Educação Literária de 9.º ano, constantes das Metas Curriculares.

Encontra aqui 2 destes guiões («A palavra mágica», de Vergílio Ferreira, e «O suave milagre», de Eça de Queirós). Os restantes 4 serão disponibilizados aos professores adotantes em **setembro de 2013** em **20 AULA DIGITAL**:

- «Felicidade clandestina», de Clarice Lispector
- «A pérola», de John Steinbeck
- «Aventuras de João Sem Medo», de José Gomes Ferreira
- «A consequência dos semáforos», de António Lobo Antunes

«A palavra mágica»

VERGÍLIO FERREIRA



ORALIDADE E LEITURA

1. Propomos-te a leitura de um conto de Vergílio Ferreira intitulado «A palavra mágica». O que será uma palavra mágica?
2. À medida que lês o texto, procura responder mentalmente às perguntas que o acompanham para, no final, trocares impressões com os teus colegas sobre as respostas que deste.

A palavra mágica

Nunca o Silvestre tinha tido uma pega com ninguém. Se às vezes guerreava, com palavras azedas para cá e para lá, era apenas com os fundos da própria consciência. Viúvo, sem filhos, dono de umas leiras¹ herdadas, o que mais parecia inquietá-lo era a maneira de alijar² bem depressa o dinheiro das rendas. Semeava
5 tão facilmente as economias, que ninguém via naquilo um sintoma de pena ou de justiça – mesmo da velha –, mas apenas um desejo urgente de comodidade. Dar aliviava. Pregavam-lhe que o Paulino ia logo de casa dele derretê-lo em vinho, que o Carmelo não comprava nada livros ou cadernos ao filho que andava na instrução primária. Silvestre encolhia os ombros, não tinha nada com isso.
10 As moedas rolavam-lhe para dentro da algibeira e com o mesmo impulso fatal rolavam para fora, deixando-lhe, no sítio, a paz.

Ora um domingo, o Silvestre ensarilhara-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da Loja. Fora o caso que ao falar-se, no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a
15 carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia o Ramos, ferido de espora³, atacou de cabeça baixa:

– Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão?

20 – Homem! – clamava o Silvestre, de mão pacífica no ar. – Calma aí, se faz favor. Falei por falar.

– E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça⁴. Assim, também eu.

25 – Faço o que posso – desabafou o outro.

Por que razão será tão importante reforçar que o Silvestre é boa pessoa?

Consideras que a reação do Ramos se justifica?

1 Leiras: terras.

2 Alijar: aliviar, recusar.

3 Espora: espigão usado nas botas dos cavaleiros para acelerar a marcha dos animais.

4 Quebreiras de cabeça: preocupações.

– E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre-diabo, Silvestre.

Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. Anda no mundo por ver andar os outros. Quem é você, Silvestre amigo? Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é.

30 Silvestre já se dispusera a ouvir tudo com resignação. Mas, à palavra «inócuo», estranha ao seu ouvido montanhês, tremeu. E à cautela, não o codilhassem⁵ por parvo, disse:

– *Inoque* será você.

Também o Ramos não via o fundo ao significado de «inócuo». Topara por
35 acaso a palavra, num diálogo aceso de folhetim, e gostara logo dela, por aquele sabor redondo a moca grossa de ferro, cravada de puas⁶. Dois homens que assistiam ao barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia:

– Chamou-lhe tudo, o patife. Só porque o pobre entendia que a jorna⁷ de um
40 homem é fraca. Que era um paz-de-alma. E um inoque.

– Que é isso de inoque?

– Coisa boa não é.

Queria ele dizer na sua que Silvestre não trabalhava, que era um lombeiro⁸, um vadio.

45 Como nesse dia, que era domingo, Paulino entrara em casa com a bebedeira do seu descanso, a mulher praguejou, como estava previsto, e cobriu o homem de insultos como não estava inteiramente previsto:

– Seu bêbedo ordinário. Seu *inoque* reles.

Quando a palavra caiu da boca da mulher, vinha já tinta de carrascão⁹.

50 E desde aí, *inoque* significou, como é de ver, vadio e bêbedo.

Ora tempos depois apareceu na aldeia um sujeito de gabardina, a vender drogas para todas as moléstias¹⁰ dos pobres. Pedra de queimar carbúnculos¹¹, unguentos de encoirar¹², solda para costelas quebradas. Vendeu todo o sortido. Mas logo às primeiras experiências, as drogas falharam. Houve pois necessidade
55 de marcar a ferro aquela roubalheira de gabardina e unhas polidas. E como o vocabulário dos pobres era curto, alguém se lembrou da palavra milagrosa do Ramos. Pelo que, *inoque* significou trampolineiro¹³ ou ladrão dos finos. Mas como havia ainda os ladrões dos «grossos», não foi difícil meter dentro da palavra mais um veneno.

60 Como, porém, as desgraças e a cólera do povo pediam cada dia termos novos para se exprimirem, «inócuo» foi inchando de mais significações. Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, inoque, por ser um devasso e um assassino de caçadeira. Daí que fosse fácil meter também no *inoque* o assassino de faca e a
65 croia¹⁴ de porta aberta.

«Inócuo» dera volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população. A moca grossa de ferro, seteada¹⁵ de puas, era agora uma

Que característica em comum têm os significados atribuídos à palavra?

5 Codilhassem: tomassem.

6 Puas: pontas aguçadas.

7 Jorna: salário.

8 Lombeiro: preguiçoso.

9 Carrascão: vinho de má qualidade.

10 Moléstias: males.

11 Carbúnculos: feridas com pus.

12 Ungentos de encoirar: pomadas cicatrizantes.

13 Trampolineiro: intrujão.

14 Croia: mulher de má-vida.

15 Seteada: ferida com setas.

arma terrível, quase desleal, que só se usava quando se tinha despejado já toda a cartucheira de insultos. Até que o Perdigão dos Cabritos entrou pela ponte norte da aldeia, com o cavalo carregado de reses¹⁶, num dia de feira, e se azedou com o taberneiro, quando trocava um borrego por vinho. De olhos chamejantes¹⁷, perdido, já no quente da refrega¹⁸, o taberneiro atirou-lhe o verbo da maldição. Houve quem achasse desmedida a vingança do homem. Perdigão arreou:

– *Inoque* será você.

75 Também ele não sabia que veneno tinham despejado na palavra; mas, pelo sim pelo não, aliviou. E pela tarde, enfardelou¹⁹ o termo infame com as peles da matança, e abalou com ele pela ponte sul. Longos meses a palavra maldita andou por lá a descarregar o ódio das gentes. Até que um dia voltou a entrar na aldeia, agora pela ponte sul que dava para a vila, e não pela ponte norte que levava a terras sem nome. Vinha em farrapos, na boca de um caldeireiro²⁰, mais estropiada, coberta da baba de todos os rancores e de todos os crimes. Quando deitava um pingo num caneco de folha, o caldeireiro pegou-se de razões com o freguês. O dono do caneco correu uma mão amiga pelas costas do vagabundo:

– Lá ver isso, velhinho. O combinado foram cinco tostões.

85 – Não me faça festas que eu não sou mulher, seu *noque* reles.

E «inócuo» significou um nome feio para um homem. Então o ajudante, ou o que era, do caldeireiro, tentou deitar água na fogueira.

– Cale-se também você, seu *noque* ordinário. A mim não me mata você à fome como fez a seu pai.

90 Porque «inócuo» também queria dizer parricida²¹. Então o Ramos, que passava perto, tomou a palavra excomungada nas mãos e pediu ao velho que a abrisse, para ver tudo o que já lá tinha dentro. Um cheiro pútrido a fezes, a pus, a vinagre, alastrou pelo espanto de todos em redor.

Com os dedos da memória, o caldeireiro foi tirando do ventre do vocábulo restos de velhos significados, maldições, ódios, desesperos. «Inócuo» era 95 «bêbedo», «ladrão», «incendiário», «pederasta»²², e, uma que outra vez, um desabafo ligeiro como «poça» ou «bolas». Para o calão da gente fina, que topara a palavra na cozinha, nos trabalhos do campo, soube-se um dia que significava ainda «escroque»²³, *souteneur*²⁴, e mais.

100 A aldeia em peso tremeu. Era possível a qualquer apanhar com o palavrão na cara e ficar coberto de peste. Eis porém que uma vez o filho do Gomes, que andava no colégio da vila, insultado de *inoque* por um colega, numa partida de bilhar, lembrou-se à noite de ver no dicionário a fundura vernácula²⁵ da ofensa. Procurou *inoque*. Não vinha. Procurou *noque*. Também não vinha. Furioso, buscou à toa, *quinoque*, *moque*, *soque*. Nada. Quando a mãe o procurou, para ver se estudava, encontrou-o às marradas no dicionário. Chorososo, o rapaz declarou:

– O meu *pagnon*²⁶ chamou-me inoque, mãe. Queria saber o que era. Mas não vem no dicionário.

– Não vejas! – clamou a mulher, de braços no ar. – Deixa lá! Não te importes.

Consegues agora explicar o título do conto?

16 Reses: animais.

17 Chamejantes: faiscantes.

18 Refrega: briga.

19 Enfardelou: enfardou.

20 Caldeireiro: que fabrica recipientes de metal.

21 Parricida: aquele que matou o pai ou outro ascendente.

22 Pederasta: abusador.

23 Escroque: canalha, intrujão.

24 Souteneur: rufia.

25 Vernácula: linguagem correta.

26 Pagnon: companheiro.

110 – Mas que quer dizer?

– Coisas ruins, meu filho. Herege, homem sem religião e mais coisas más. Não vejas!

Começaram então a aparecer as primeiras queixas no tribunal da vila, contra a injúria de *noque*, *inoque* e, finalmente, de «inócuo», consoante a instrução de
115 cada um. Como a palavra estropiada era um termo bárbaro nos seus ouvidos cultos, o juiz pedia a versão da injúria em linguagem correta, sendo essa versão que instruía os autos.

– Chamou-me *noque*.

– Absolutamente. Mas que queria ele dizer na sua?

120 – Pois queria dizer que eu era ladrão.

E escrevia-se «ladrão». Pelo mesmo motivo, gravava-se a ofensa, de outras vezes, nos termos de «assassino», «devasso» ou «bêbedo».

Ora um dia foi o próprio Bernardino da Fábrica que moveu um processo ao guarda-livros pela injúria de «inócuo». Metida a questão nos trilhos legais, o
125 Bernardino procurou o juiz, para ver se podia ajustar, previamente, uma bordada firme no agressor. Mas aí, o juiz atirou uma palmada à coxa curta, clamou:

– Homem! Agora entendo eu. *Noque* era «inócuo»!

E admitindo que o vocábulo contivesse um veneno insuspeito, pegou num dicionário recente, o último modelo de ortografia e significados. Então pasmou
130 de assombro, perante o escuro mistério que carregara de pólvora o termo mais benigno da língua: «inócuo» significava apenas «que não faz dano, inofensivo». E pôs o dicionário aberto diante da ofensa de Bernardino. O industrial carregou a luneta, e longo tempo, colérico, exigiu do livro insultos que lá não estavam.

– Nada feito – repetia o juiz. – O homem chamou-lhe, corretamente, «pessoa
135 incapaz de fazer mal a alguém».

– Mas há a intenção – opôs o advogado, mais tarde, quando se voltou ao assunto. – Há o sentido que toda a gente liga à palavra.

– Nada feito – insistia o juiz. – «Inócuo» é «inofensivo», até nova ordem. Então o advogado desabafou. Também ele sabia, como toda a gente culta, que
140 «inócuo» era um pobre-diabo de um termo que não fazia mal a ninguém. Sabia-o, com um saber analítico, desde as aulas de Latim do seu padre-mestre. Mas não ignorava também que o ódio humano nem sempre conseguia razões para se justificar. E nesse caso, qualquer palavra, mesmo inofensiva, era um pendão²⁷ desfraldado no pau alto do ódio. Bernardino fora ofendido. Mas podia amanhã
145 querer ofender e as razões serem curtas para o seu rancor. Uma palavra informe, soprada de todos os furores, seria então a melhor arma. Despir o mastro da bandeira seria desnudar-se na dureza bárbara do pau. «Inócuo» era uma maravilha para a última defesa da racionalidade humana, pelos ocos esconderijos onde podiam ocultar-se todos os rancores e maldições. «Inócuo» era um benefício
150 social. Não havia que emendar-se a vida pelo dicionário. Havia que forçar-se o dicionário a meter a vida na pele.

27 Pendão: bandeira.

– Cultive-se o «inócuo». Salvemo-lo, para nos salvarmos.

Desgraçadamente, porém, os receios do advogado eram vãos²⁸. A vida, de facto, emendara o dicionário. Como bola de neve, «inócuo» rolara do ódio alto dos homens e longo tempo levaria a derreter ao calor da compreensão e da justiça. Foi assim que o filho do Gomes, depois de ter encontrado a correspondência vernácula da injúria do *pagnon*, tentou reabilitar a palavra excomungada²⁹. Esbaforido, foi com o dicionário aberto no sítio maldito, da mãe para o pai, do pai para os amigos. Mas ninguém o entendeu. *Noque* ou «inócuo» era um anátema³⁰ verde de pus.

– Que importa o que dizem? – clamou o heroísmo do rapaz. – Podem chamar-me *inoque* ou «inócuo», que não ligo. Agora sei o que quer dizer.

Dias depois, porém, um colega precisou de o insultar, e arremessou-lhe outra vez com o termo nefando³¹. Toda a gente conhecia já a opinião do dicionário. Mas o furor era sempre mais forte do que um simples livro impresso.

Pelo que, nessa noite, o filho do Gomes não dormiu, preocupado apenas em descobrir uma maneira eficaz de esborrachar o colega, para ter mais tento na língua.

Conseguirá o filho do Gomes manter a sua promessa?

28 Vãos: inúteis.

29 Excomungada: amaldiçoada, banida.

30 Anátema: maldição.

31 Nefando: malvado, abominável.

VERGÍLIO FERREIRA, *Contos*, Quetzal, 2009

«Nunca o Silvestre tinha tido uma pega com ninguém.» (linhas 1 a 11)

3. Identifica duas características do Silvestre evidenciadas no primeiro parágrafo do texto (linhas 1 a 11).

3.1. Refere dois exemplos de atitudes da personagem que as comprovem.

3.2. Segundo o narrador, «Ninguém via naquilo um sintoma de pena ou de justiça» (linhas 5-6). Como são então justificadas as atitudes do Silvestre?

«Ora um domingo, o Silvestre ensarilhou-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da loja.» (linhas 12 a 36)

4. O segundo parágrafo do texto inicia-se pela expressão de tempo «Ora um domingo». Explica por que razão é usada e relaciona-a com a expressão de tempo que inicia o conto.

4.1. Lê a informação sobre o modo narrativo nas páginas 70 e 71 do teu manual e identifica, neste parágrafo, os elementos característicos de uma sequência narrativa.

4.2. Reconta a discussão entre o Ramos e o Silvestre, referindo o que a motiva, as reações de ambas as personagens e o seu desfecho.

- 4.3.** Por que razão reage o Silvestre quando ouve a palavra «inócuo»?
- 4.4.** Como justificas a alteração da palavra «inócuo» para «inoque»?
- 4.5.** Explica os efeitos de sentido conseguidos pelo uso dos recursos expressivos seguintes:
- a)** a comparação em «com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira» (linhas 16-17);
 - b)** a metáfora destacada em «Todavia o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa» (linhas 17-18).

«Dois homens que assistiam ao barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia (...).» (linhas 36 a 77)

- 5.** Depois da discussão, que elemento ocupa o lugar de protagonista da história?
- 5.1.** Regista os usos da palavra «inócuo», desde a discussão até ao momento em que sai da aldeia, organizando as informações numa tabela.

Ocorrência	Personagens e situação	Significado da palavra
1. ^a	O Ramos chama «inócuo» ao Silvestre e dois homens espalham a notícia.	lombeiro, vadio
...	...	...

- 5.2.** Explica o sentido da frase: «“Inócuo” dera volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população.» (linhas 63-64)
- 5.3.** Refere palavras e expressões do campo lexical de armas, usadas para caracterizar a palavra. Justifica a existência desse campo lexical.

«Longos meses a palavra maldita andou por lá a descarregar o ódio das gentes.» (linhas 77 a 112)

- 6.** Reconta o acontecimento associado ao regresso da palavra à aldeia e diz com que significados é aí utilizada.
- 6.1.** Quando voltou a ouvir a palavra, o Ramos percebeu que ela tinha mudado. Que mudança ocorrera?
- 6.2.** Como reagem os habitantes da aldeia a este regresso?
- 6.3.** O filho do Gomes é o primeiro a procurar a palavra num dicionário. Explica porque o faz e a razão pela qual não fica esclarecido.

«Começaram então a aparecer as primeiras queixas no tribunal da vila (...).» (linhas 113 a 149)

7. Por que razão não reconhece o juiz a palavra de imediato?

7.1. Como é feito então o registo das queixas?

7.2. De que forma percebe o juiz que a palavra em causa é inofensiva?

7.3. Essa descoberta altera alguma coisa? Porquê?

«“Inócuo” era um benefício social.» (linhas 149 a 168)

8. Explica o significado da frase: «A vida, de facto, emendara o dicionário.» (linhas 185-186)

8.1. Que episódio ilustra esta afirmação?

8.2. Explica o sentido da frase «Mas o furor era sempre mais forte do que um simples livro impresso.» (linha 165), bem como a expressividade da perífrase destacada (recursos expressivos — página 295 do teu manual).

9. Relaciona a história deste conto com uma frase de outro livro do autor:

«As palavras são pedras, (...), o que nelas vive é o espírito que por elas passa.»

Vergílio Ferreira, Aparição, Bertrand, 1995

10. O que concluis sobre o poder das palavras?



ESCRITA

1. São muitas as situações sobre as quais podemos contar uma história. Escreve uma narrativa até 300 palavras que possa ser divulgada no jornal da escola, num blogue ou num livro de contos da turma.

Define os elementos seguintes:

- ▶ assunto da história que vais contar e quem vai lê-la;
- ▶ objetivos da tua narrativa (emocionar, divertir...);
- ▶ ambiente recriado (misterioso, assustador, alegre, divertido, fantástico...);
- ▶ sequência dos acontecimentos;
- ▶ personagens (animais, pessoas, coisas...) e suas características;
- ▶ tempo e espaço;
- ▶ características do narrador (participante ou não participante).

Escreve o teu texto:

- ▶ define um início (Antigamente..., Era uma vez...);

- ▶ usa expressões diversificadas para assinalar a passagem do tempo (anos depois, mais tarde, no dia seguinte...) e para situar os acontecimentos no espaço (à volta do largo, no jardim...);
- ▶ caracteriza as personagens e os espaços;
- ▶ escreve diálogos entre as personagens;
- ▶ conclui a tua narrativa (Finalmente..., E assim termina a história...)

Verifica se a história está escrita de modo a interessar os leitores e se possui todas as informações necessárias para ser entendida.

Não te esqueças de fazer uma revisão para verificares a ortografia, a pontuação e a estrutura das frases e dos parágrafos. Usa o corretor ortográfico do computador ou o dicionário.

«O suave milagre»

EÇA DE QUEIRÓS



LEITURA

1. Em conjunto com a turma, prepara a leitura do conto «O suave milagre», de Eça de Queirós, elaborando um glossário coletivo a partir dos topónimos, gentílicos e outros nomes mencionados no texto. Façam uma primeira leitura do conto e elaborem uma lista dos termos a definir no glossário. Depois, distribuam esses termos pelos alunos da turma, para que cada um possa realizar a sua pesquisa e escrever as respetivas definições. Juntem as definições dos diferentes termos num glossário partilhado por todos.
2. Lê novamente o conto, consultando o vocabulário apresentado para esclareceres as tuas dúvidas.

O suave milagre

Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia e das doces, luminosas margens do Lago de Tiberíade – mas a nova dos seus milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.

- 5 Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo profeta, um rabi¹ formoso, percorria os campos e as aldeias da Galileia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E enquanto descansava, sentado à beira da Fonte dos Vergéis, contou ainda que esse rabi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo de um
- 10 decurião romano, só com estender sobre ele a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerazenos, onde começava a colheita do bálsamo², ressuscitara a filha de Jaira, homem considerável e douto que comentava os Livros na sinagoga³. E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras⁴ com a bilha no ombro, lhe perguntassem
- 15 se esse era, em verdade, o Messias de Judeia, e se diante dele refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e de Magog – o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob o aqueduto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flor. Mas
- 20 uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses em que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo, por toda a campina⁵ que verdeja até Áscalon,

1 Rabi: sacerdote judaico.

2 Bálsamo: resina aromática.

3 Sinagoga: templo dos judeus.

4 Trigueiras: morenas (da cor do trigo maduro).

5 Campina: planície extensa, sem árvores nem povoações.

o arado pareceu mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar: as crianças, colhendo ramos de anêmonas⁶, espreitavam pelos caminhos se além da esquina do muro, ou de sob o sicômoro⁷, não surgiria uma claridade: e nos
25 bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão sapiente⁸ certeza, os ditames⁹ antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, de uma família pontifical¹⁰ de Samaria, que sacrificara nas aras¹¹ do monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas – e com o coração tão cheio de orgulho como o seu
30 celeiro de trigo. Mas um vento árido e abrasado, esse vento de desolação que ao mando do Senhor sopra das torvas¹² terras de Assur, matara as reses¹³ mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo¹⁴, e se estiravam na latada¹⁵ airosa¹⁶, só deixara, em torno dos olmos e pilares despídos, sarmentos¹⁷, cepas¹⁸ mirradas, e a parra¹⁹ roída de crespa ferrugem.
35 E Obed, agachado à soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira porém falar desse novo rabi da Galileia que alimentava as multidões, amedrontava os demónios, emendava todas as desventuras – Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo pensou que Jesus seria um desses fei-
40 ticeiros, tão costumados na Palestina, como Apolónio, ou rabi Ben-Dossa, ou Simão, «o Subtil». Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrelas, para eles sempre claras e fáceis nos seus segredos; com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egito; e agarram entre os dedos as sombras das árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima
45 das eiras, à hora da sesta. Jesus da Galileia, mais novo, com magias mais viçosas decerto, se ele largamente o pagasse, sustaria²⁰ a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galileia o rabi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias²¹ o trouxessem a Enganim, no país de Assacar.

Os servos apertaram os cinturões de couro – e largaram pela estrada das caravanas, que, costeando o lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves finas do monte Hérmon. Depois, na frescura de uma manhã macia, o lago de Tiberíade resplandeceu diante deles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o
55 céu, todo orlado²² de prados floridos, de densos vergéis²³, de rochas de pórfiro²⁴, e de alvos terraços por entre os palmares²⁵, sob o voo das rolas. Um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca de uma ponta de relva, assombreada de aloendros²⁶, escutou, sorrindo, os servos. O rabi de Nazaré? Oh! desde o mês de Ijar, o rabi descera, com os seus discípulos, para os lados para onde o Jordão
60 leva as águas.

Os servos, correndo, seguiram pelas margens do rio, até adiante do vau²⁷, onde ele se estira²⁸ num largo remanso²⁹, e descansa, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos³⁰. Um homem da tribo dos Essénios, todo

6 Anêmonas: plantas.

7 Sicômoro: árvore cujo fruto é um figo comestível.

8 Sapiente: sabedor, sábio.

9 Ditames: doutrinas, regras.

10 Pontifical: relativo ao pontífice (chefe da religião e dos sacrificadores).

11 Aras: pedras dos altares.

12 Torvas: feias, sinistras.

13 Reses: quadrúpede que serve para alimento do homem.

14 Olmo: género de árvores frondosas.

15 Latada: parreira (armação horizontal sustentada por pilares por onde se estendem os pés da videira).

16 Airosa: elegante, esbelta.

17 Sarmentos: ramos de videira secas.

18 Cepas: pés de videira.

19 Parra: folhagem da videira.

20 Sustaria: pararia, interromperia.

21 Alfaias: utensílios de adorno.

22 Orlado: contornado, cercado.

23 Vergéis: lugares com árvores, jardins, pomares.

24 Pórfiro: rocha muito dura que contém cristais.

25 Palmares: bosques de palmeiras.

26 Aloendros: espécie de arbustos.

27 Vau: ponto onde, numa corrente de água, se pode passar a pé ou a cavalo.

28 Estira: estende.

29 Remanso: tranquilidade, sossego.

30 Tamarindos: árvores leguminosas próprias das regiões quentes.

vestido de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares³¹, pela beira da
65 água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos humildemente saudaram-
-no, porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e cândido³²
como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E sabia ele da
passagem do novo rabi da Galileia que, como os Essénios, ensinava a doçura, e
curava as gentes e os gados? O Essénio murmurou que o rabi atravessara o oásis
70 de Engandi, depois se adiantara para além... – Mas onde, além? – Movendo um
ramo de flores roxas que colhera, o Essénio mostrou as terras de além-Jordão,
a planície de Moab. Os servos vadearam³³ o rio – e debalde³⁴ procuraram Jesus,
arquejando³⁵ pelos rudes trilhos, até às fragas onde se ergue a cidadela sinistra de
Makaur... No Poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para
75 o Egito mirra, especiarias e bálsamos de Gilead: e os cameleiros, tirando a água
com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela Lua
nova, um rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demónios
do peito de uma tecedeira, e que, à sua voz, um homem degolado pelo saltea-
dor Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto³⁶. Os servos,
80 esperançados, subiram logo açodadamente³⁷ pelo caminho dos peregrinos até
Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até às nascentes de Amalha...
Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos
de mimosas, embarcara no lago, num batel de pesca, e à vela navegara para
Magdala. E os servos de Obed, descoroçoados³⁸, de novo passavam o Jordão na
85 Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandálias rotas dos longos cami-
nhos, pisando já as terras da Judeia Romana, cruzaram um fariseu³⁹ sombrio,
que recolhia a Efraim, montado na sua mula. Com devota reverência detiveram
o homem da Lei. Encontrara ele, por acaso, esse profeta novo da Galileia que,
como um deus passeando na Terra, semeava milagres? A adunca⁴⁰ face do fari-
90 seu escureceu enrugada – e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:
– Oh escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas
ou milagres fora de Jerusalém? Só Jeová tem força no seu Templo. De Galileia
surdem⁴¹ os néscios⁴² e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de
95 dísticos⁴³ sagrados – o furioso doutor saltou da mula e, com as pedras da estrada,
apedrejou os servos de Obed, uivando: «Racca! Racca!»⁴⁴ e todos os anátemas⁴⁵
rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconsolação de Obed,
porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam – e todavia, radiante-
mente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de
100 promessas divinas, a fama de Jesus da Galileia.

Por esse tempo, um centurião romano, Públio Sétimo, comandava o forte que
domina o vale de Cesareia, até à cidade e ao mar. Públio, homem áspero, vete-
rano da campanha de Tibério contra os Partas, enriquecera durante a revolta
de Samaria com presas⁴⁶ e saques, possuía minas na Ática, e gozava, como favor
105 supremo dos deuses, a amizade de Flaco, legado⁴⁷ imperial da Síria. Mas uma

-
- 31 Salutares:** próprias para conservar a saúde.
32 Cândido: puro.
33 Vadearam: atravessaram a vau.
34 Debalde: em vão, inutilmente.
35 Arquejando: arfando, respirando a custo.
36 Horto: pequena horta, jardim.
37 Açodadamente: apressadamente.
38 Descoroçoados: desalentados, desanimados.
39 Fariseu: membro de uma seita de judeus que mostrava grande santidade exterior na sua vida.
40 Adunca: recurvada, em forma de garra.
41 Surdem: emergem, surgem.
42 Néscios: ignorantes.
43 Dísticos: emblemas.
44 Racca: termo semita insultuoso, com o significado de «tolo», entre outros.
45 Anátemas: maldições ou pragas usadas para excomungar.
46 Presas: despojos, aquilo com que se fica do inimigo.
47 Legado: enviado ao serviço de um estado, neste caso, de Roma.

dor roía a sua prosperidade muito poderosa, como um verme rói um fruto muito suculento. Sua filha única, para ele mais amada que vida e bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber dos esculápios⁴⁸ e mágicos que ele mandara consultar a Sídon e a Tiro. Branca e triste como a Lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo palidamente a seu pai, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário⁴⁹, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara de Itália, numa galera⁵⁰ enfeitada. Ao seu lado, por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava⁵¹ uma grande águia, voando de asa serena, no céu rutilante. A filha de Sétimo seguia um momento a ave torneando até bater morta sobre as rochas – depois, mais triste, com um suspiro, e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

Então Sétimo, ouvindo contar, a mercadores de Chorazim, deste rabi admirável, tão potente sobre os espíritos, que sarava os males tenebrosos da alma, destacou três decúrias⁵² de soldados para que o procurassem por Galileia, e por todas as cidades da Decápolá, até à costa e até Áscalon. Os soldados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos⁵³ ramos de oliveira – e as suas sandálias ferradas⁵⁴ apressadamente se afastaram, ressoando sobre as lajes de basalto da estrada romana que desde Cesareia até ao lago corta toda a tetrarquia⁵⁵ de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas⁵⁶: e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho, que eles bebiam de um trago, sentados à sombra dos sicômoros. Assim correram a Baixa Galileia – e, do rabi, só encontraram o sulco⁵⁷ luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem⁵⁸ o seu feiticeiro para que os Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua cólera, através da piedosa terra submissa. À entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do rabi, rasgando os véus às virgens: e, à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas⁵⁹, invadiam as ruas estreitas dos burgos⁶⁰, penetravam nas sinagogas e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas Thebahs, os santos armários de cedro que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hébron arrastaram os solitários⁶¹ pelas barbas para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o rabi – e dois mercadores fenícios que vinham de Joze com uma carga de malóbatro⁶², e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito⁶³ cem dracmas⁶⁴ a cada decurião. Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumeia, que levam as reses brancas para o Templo, fugiam espavoridos para as serranias⁶⁵, apenas luziam, nalguma volta do caminho, as armas do bando violento. E da beira dos eirados⁶⁶, as velhas sacudiam como taleigos⁶⁷ a ponta dos cabelos desgrehados, e arrojavam⁶⁸ sobre eles as Más Sortes, invocando a vingança de

48 Esculápios: médicos ou indivíduos com conhecimentos médicos.

49 Velário: toldo com que se cobriam os teatros e os anfiteatros romanos.

50 Galera: embarcação de dois ou três mastros a remos e a vela.

51 Varava: atravessava.

52 Decúrias: subdivisões militares romanas.

53 Elmos: proteções da armadura, com viseira, usadas para cobrir a cabeça e o rosto.

54 Ferradas: guarnecidas de ferro.

55 Tetrarquia: cada uma de quatro partes em que se dividia a Judeia.

56 Medas: monte de palha em forma de cone.

57 Sulco: abertura contínua feita na terra por um arado ou pequena vala por onde passa a água.

58 Sonegassem: ocultassem.

59 Cisternas: reservatórios de água pluvial, poço.

60 Burgos: aldeias, povoações.

61 Solitários: aqueles que vivem na solidão, entregues à vida contemplativa.

62 Malóbatro: nome antigo de uma árvore asiática da qual se extraía um perfume.

63 Delito: infração, crime.

64 Dracmas: nome de moedas antigas.

65 Serranias: aglomeração de serras.

66 Eirados: eiras, espaços descobertos sobre uma casa ou ao nível de um dos seus andares onde, por exemplo, se põem a secar os cereais.

67 Taleigos: sacos pequenos, estreitos e compridos.

68 Arrojavam: arremessavam, atiravam.

Elias. Assim tumultuosamente erraram⁶⁹ até Áscalon: não encontraram Jesus: e retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandálias nas areias ardentes.

150 Uma madrugada, perto de Cesareia, marchando num vale, avistaram sobre um outeiro um verde-negro bosque de loureiros, onde alvejara⁷⁰, recolhida-mente, o fino e claro pórtico de um templo. Um velho, de compridas barbas brancas, coroadado de folhas de louro, vestido com uma túnica cor de açafão, segurando uma curta lira de três cordas, esperava gravemente, sobre os degraus
155 de mármore, a aparição do Sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo sacerdote. Conhecia ele um novo profeta que surgira na Galileia, e tão destro⁷¹ em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a água em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada⁷² verdura do vale:

160 – Oh romanos! pois acreditais que em Galileia ou Judeia apareçam profetas consumando milagres? Como pode um bárbaro alterar a ordem instituída por Zeus? ... Mágicos e feiticeiros são vendilhões⁷³, que murmuram palavras ocas, para arrebatam a espórtula⁷⁴ dos simples... Sem a permissão dos imortais nem um galho seco pode tombar da árvore, nem seca folha pode ser sacudida na árvore. Não há
165 profetas, não há milagres... Só Apolo Delfico conhece o segredo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesareia. E grande foi o desespero de Sétimo, porque sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Tiro – e todavia a fama de Jesus, curador dos lânguidos⁷⁵ males, crescia, sempre mais consoladora
170 e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hérmon e, através dos hortos, reanima e levanta as açucenas⁷⁶ pendidas.

Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro⁷⁷, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a
175 que ela o criara para os farrapos da enxerga⁷⁸ apodrecida, onde jazera⁷⁹, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo⁸⁰. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da
180 arca pintada não restava grão ou côdea. No Estio⁸¹, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro⁸², secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves malélicas sobrava o sustento!

185 Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos⁸³, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino,

69 Erraram: vaguearam.

70 Alvejara: branqueava.

71 Destro: hábil, perito.

72 Rociada: coberta de orvalho.

73 Vendilhões: bufarinheiros, vendedores ambulantes.

74 Espórtula: pequena quantia paga como retribuição por um serviço, gorjeta.

75 Lânguidos: desfalecidos, abatidos.

76 Açucenas: espécie de flores.

77 Cerro: outeiro, colina pouco elevada.

78 Enxerga: almofadão de palha, cama humilde.

79 Jazera: outeiro.

80 Ermo: lugar despovoado e solitário.

81 Estio: verão.

82 Quinteiro: pequeno quintal murado.

83 Prantos: choros, lamentações.

190 de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o Sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar⁸⁴ a claridade do seu rosto, só aque-
195 les ditosos⁸⁵ que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesareia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara⁸⁶ os servos de Obed, depois os legioná-
200 rios de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil⁸⁷ que o roçar de uma asa, pediu à
205 mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

– Oh filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados,
210 e debalde correram por Jesus, desde o Hébron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como conven-
ceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre
215 enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

– Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

220 – Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre
225 morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

– Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

230 – Aqui estou.

84 Enxergar: entrever, avistar a distância ou de modo confuso.

85 Ditosos: felizes, afortunados.

86 Topara: encontrara.

87 Débil: que tem pouca força.

A. «Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia (...)» (linhas 1 a 26)

1. Refere a função do primeiro parágrafo do conto.
2. Identifica a personagem em quem se concentra a atenção do narrador neste momento do texto.
 - 2.1. Qual é a função dessa personagem na ação do conto?
 - 2.2. Atenta na passagem do texto que caracteriza o olhar dessa personagem e justifica essa caracterização, tendo em conta o que a personagem veio anunciar.
3. Indica os milagres relatados pelo homem.
4. Classifica as afirmações sobre o conto como verdadeiras ou falsas, justificando as tuas opções.
 - a) O homem respondeu a todas as questões sobre Jesus.
 - b) As notícias sobre Jesus conseguiram, só por si, desencadear pequenos milagres.

B. «Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed.» (linhas 27 a 100)

1. Transcreve a passagem em que o narrador dá a conhecer o sentimento mais marcante da personagem Obed.
 - 1.1. A que se devia esse sentimento da personagem?
 - 1.2. Identifica o recurso expressivo utilizado pelo narrador para apresentar essa característica da personagem. Explica o sentido desse recurso expressivo.
2. Certo acontecimento demonstrou o carácter ilusório do referido sentimento. Indica-o.
 - 2.1. Transcreve a enumeração usada no texto para se sugerir o resultado desse acontecimento nas encostas de Obed.
 - 2.2. A quem atribuiu Obed a sua má sorte?
3. Que ideia fazia Obed de Jesus da Galileia e como imaginava ele conseguir ajuda para o seu problema?
 - 3.1. Poderia o leitor acreditar, neste momento do texto, que Jesus Cristo auxiliaria Obed? Justifica a tua resposta.
4. Reconstitui as etapas do percurso dos servos de Obed desde a partida até ao regresso a Engandim, completando o quadro.

Espaço percorrido	Personagens encontradas	Informações obtidas

5. Atenta nos traços caracterizadores do fariseu.

5.1. Que traços físicos do fariseu melhor evidenciam o seu estado de espírito perante os servos de Obed? Justifica a tua resposta.

5.2. Qual é a reação do fariseu perante a pergunta que lhe é dirigida? Justifica, transcrevendo uma passagem do texto.

5.3. Que recursos expressivos são utilizados nessa passagem?

6. Posiciona-te relativamente ao comentário seguinte, justificando a tua opção.

- ▶ A reação dos servos de Obed às palavras do fariseu prova que eles não acreditavam verdadeiramente em Jesus de Galileia.

7. Podemos interpretar este momento do conto como uma lição, com contornos de castigo, para Obed. Que acontecimento narrado corresponde a essa lição?

7.1. Partindo do que leste, apresenta a razão por que Obed foi assim castigado.

C. «Por esse tempo, um centurião romano, Públio Sétimo, comandava o forte (...)» (linhas 101 a 171)

1. Completa o quadro seguinte com os recursos linguísticos usados pelo narrador nas linhas 105 a 113 para sugerir os efeitos desse mal e a lentidão com que ia matando a filha do próspero Públio Sétimo.

Uso de formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo e no gerúndio	Uso expressivo de nomes e adjetivos	Uso expressivo de advérbios	Recurso expressivo
a)	b)	c)	d)

1.1. A ideia de um tempo que avançava lentamente para um triste fim é igualmente transmitida nas linhas 114 a 117. Explica como se transmite essa ideia.

2. Os soldados de Públio Sétimo espetaram ramos de oliveira nos seus elmos, como sinal de paz. Contudo, o seu comportamento contrasta com esse símbolo. Caracteriza esse comportamento dos soldados apoiando-te em passagens do texto.

2.1. Indica a razão apresentada no texto para tal comportamento dos soldados.

2.2. Apresenta três exemplos da reação do povo judeu à passagem dos soldados romanos em busca de Jesus.

2.3. Transcreve o advérbio que, no final no décimo parágrafo, sintetiza o modo como se comportavam os soldados romanos.

3. De Jesus, os soldados romanos «só encontraram o sulco luminoso nos corações» (linhas 130-131). Explica, por palavras tuas, a passagem citada.

- 3.1. Apresenta o contraste que encontramos entre os efeitos da passagem dos soldados de Públio Sétimo e os efeitos da passagem de Jesus.
4. «Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram a fortaleza de Cesareia.» (linhas 166-167) Justifica este comportamento dos soldados.
5. Traça o percurso realizado pelos soldados de Públio Sétimo do princípio ao fim do conto.
6. Apresenta o contraste entre as ideias de morte e de vida presentes no décimo terceiro parágrafo.
 - 6.1. Em que medida representa esse contraste um castigo para Públio Sétimo por ter imaginado que poderia exercer o seu mando sobre Jesus?

D. «Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva (...)» (linhas 172 a 230)

1. Que relação é possível estabelecer entre a viúva, Obed e Públio Sétimo? Justifica a tua resposta.
2. Caracteriza o espaço em que decorre a ação protagonizada pela viúva.
3. Refere o estado em que se encontravam a mulher e a criança antes da chegada de Jesus.
4. Exemplifica o uso dos recursos linguísticos indicados em baixo:
 - a) formas verbais do gerúndio usadas na caracterização da criança;
 - b) comparação usada na caracterização da mulher;
 - c) comparação usada na descrição das condições de vida da família;
 - d) hipérbole usada para caracterizar a situação daquela mãe como a pior possível;
 - e) comparação usada na caracterização da voz da criança, sugerindo a sua fragilidade;
 - f) personificação do sofrimento da família, usada no discurso da mãe;
 - g) antítese usada para sugerir a dimensão do sofrimento da criança, exteriorizado através do seu choro;
 - h) antítese usada na fala da criança, para sugerir a desproporção do seu mal;
 - i) tripla adjetivação usada no discurso da mãe, para fazer a sua própria caracterização.
5. Transcreve a expressão temporal que introduz uma alteração na situação descrita.
 - 5.1. Identifica os dois comportamentos do mendigo que permitem amenizar por instantes a difícil situação da família.
 - 5.2. Transcreve a expressão em que o mendigo menciona a condição necessária para se concretizar um encontro com Jesus.

6. «E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.» (linhas 200- 201)

Identifica as antíteses presentes nesta frase e explica o seu sentido.

7. Qual é o pedido que o filho faz à mãe?

7.1. Indica os argumentos usados pela mãe para dissuadir o filho relativamente ao pedido que este lhe faz.

8. «— Aqui estou.» (linha 230)

Relaciona o final do conto com o seu título e a sua moralidade.

9. Embora sem nunca se revelar até ao final do conto, a presença da personagem principal vai sendo pressentida, entre outros aspetos, graças à repetição do seu nome próprio e à utilização sucessiva de expressões que o vão substituindo à medida que a ação se desenrola. Indica expressões que, ao longo do conto, sejam utilizadas em substituição do nome próprio Jesus.

9.1. Indica o recurso expressivo a que corresponde essa substituição do nome próprio da personagem principal por outras expressões que permitam identificá-la também.



ESCRITA

1. Ao longo do conto, a presença de Jesus vai sendo pressentida pelo leitor, sendo que a mesma apenas se concretiza no momento final. Tendo em conta a leitura que efetuaste, escreve um comentário crítico, com 120 a 160 palavras, sobre a forma como essa presença vai sendo apenas perceptível à medida que a ação do conto avança e as razões por que se concretiza somente no seu exato momento final.

O teu texto deverá incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação de acordo com os tópicos seguintes:

- ▶ identificação do conto e do seu autor;
- ▶ referência à personagem Jesus e ao facto de ser procurada por várias outras personagens;
- ▶ caracterização das personagens que mandam procurar Jesus;
- ▶ breve síntese dos esforços desenvolvidos pelas personagens que procuram Jesus e das informações obtidas pelas mesmas;
- ▶ apresentação das razões por que Jesus não se revela a essas personagens;
- ▶ referência à situação vivida pela família apresentada no final do conto e à mensagem do mendigo;
- ▶ referência ao contexto em que surge Jesus no final do conto;
- ▶ apresentação da moralidade do conto.

Cenários de resposta

A PALAVRA MÁGICA

Oralidade e leitura

- 3. e 3.1.** O seu caráter pacífico (nunca discutira com ninguém) e a sua predisposição para dar tudo o que possuía (entregava aos outros todas as economias).
- 3.2.** O facto de Silvestre semear todas as economias era entendido como uma ação purificadora, cómoda, que o libertava de quaisquer culpas e lhe dava uma paz desejada.
- 4.** Esta expressão introduz um acontecimento pontual, que se afasta, por isso, da situação habitual apresentada no primeiro parágrafo e reforçada pelo advérbio «Nunca».
- 4.1.** Neste parágrafo, relata-se um acontecimento — uma discussão entre personagens — que ocorreu num determinado espaço e num determinado tempo; os verbos que indicam ações encontram-se predominantemente no pretérito perfeito.
- 4.2.** Um domingo, o Silvestre arranja, sem querer, uma discussão com o Ramos da Loja, ao afirmar que o trabalho do campo era mal pago. O Ramos, que defende que o Silvestre não tem legitimidade para falar sobre isso, porque nunca teve preocupações nem filhos para sustentar, enerva-se e, sem conhecer o significado da palavra, mas usando-a como uma ofensa, chama «inócuo» ao Silvestre. Este reage à provocação e devolve-lhe a ofensa tal como a entendeu «— Inoque será você».
- 4.3.** Porque a ouve como uma ofensa, apesar de não saber o que significa.
- 4.4.** O Silvestre não conhecia o sentido nem o som da palavra e pronunciou-a como a ouviu.
- 4.5.**
- a)** Reforça a simplicidade e o caráter pacífico do Silvestre, que nada fez para começar a briga.
- b)** Reforça o efeito ofensivo que as palavras do Silvestre têm no Ramos, que as ouve como uma provocação.
- 5.** A palavra «inócuo» e as suas variantes fonéticas: *inoque*, *noque*.
- 5.1.** Proposta de correção na Aula Digital.
- 5.2.** A palavra desconhecida servia para todas as situações em que era necessário recorrer à ofensa e, de certa forma, absorvia todo o ódio da população.
- 5.3.** A agressividade com que a palavra era utilizada reflete-se nas expressões relacionadas com armas que a caracterizavam, como por exemplo: «moca grossa de ferro, seteada de puas»; «arma terrível»; «cartucheira de insultos».
- 6.** Depois de andar vários meses afastada, a palavra regressa à aldeia pela boca de um caldeireiro e é usada como ofensa pelo seu ajudante e por um freguês que não gostou da forma como estava a ser tratado, passando a significar homossexual e parricida.
- 6.1.** O Ramos percebeu que a palavra crescera na sua maldição e encerrava sentidos ainda mais terríveis, os quais se acrescentavam aos anteriores.
- 6.2.** Os habitantes reagem com temor e preocupação.

- 6.3.** O filho do Gomes tinha alguma instrução e, ao ser insultado com a palavra, procura o seu significado no dicionário, mas não a encontra, porque a forma como era pronunciada não correspondia a nenhuma palavra escrita.
- 7.** Porque as formas usadas não correspondiam à palavra dicionarizada.
- 7.1.** Nas queixas, registou-se o sentido com que a palavra foi proferida.
- 7.2.** Quando o Bernardino Soares procura o juiz para avançar com uma queixa, usa o termo «inócuo», permitindo finalmente o seu reconhecimento. Depois de consultar o dicionário para dissipar qualquer dúvida, o juiz confirma que «inócuo» é das palavras mais inofensivas que existem.
- 7.3.** Não, porque a malvadez das intenções com que era usada sobrepõe-se ao seu verdadeiro sentido.
- 8.** A palavra adquire o sentido que a vida lhe dá e esvazia-se do seu sentido original.
- 8.1.** O filho do Gomes, apesar de já conhecer o verdadeiro sentido da palavra «inócuo», continuava a sentir-se ofendido por ela.
- 8.2.** O ódio com que a palavra era pronunciada era mais forte do que um dicionário. A perífrase contribui para desvalorizar o dicionário («simples livro impresso») perante a realidade.
- 9.** As palavras só ganham vida através do uso que lhes damos.

O SUAVE MILAGRE

Leitura

A.

- 1.** Situar a ação no espaço e no tempo e apresentar a personagem de Jesus.
- 2.** Concentra-se no «homem de olhos ardentes e deslumbrados» que veio anunciar o «novo profeta».
- 2.1.** Divulgar os milagres do «novo profeta» e deixar uma mensagem de esperança nos que o ouvem.
- 2.2.** Os olhos eram «ardentes e deslumbrados», devido ao fervor e ao encanto com que divulgava os milagres de Jesus.
- 3.** Jesus sarara da lepra o servo de um decurião romano, estendendo sobre ele a sombra das suas mãos, e ressuscitara a filha de Jaira.
- 4.**
 - a)** Falsa: não respondeu quando o povo o interrogou se o profeta era verdadeiramente o «Messias de Judeia».
 - b)** Verdadeira: deixaram nos ouvintes «uma esperança, deliciosa» que foi alastrando.

B.

- 1.** «[...] e com o coração tão cheio de orgulho como o seu celeiro de trigo».

- 1.1. Devia-se à sua riqueza e prosperidade.
- 1.2. Comparação: associa a dimensão dos bens de Obed à dimensão do seu orgulho, comparando o «coração» e o «celeiro» de Obed com o conteúdo de ambos, ou seja, o «orgulho» e o «trigo».
2. A destruição dos bens de Obed, em consequência do vento «árido e abrasado».
 - 2.1. «em torno dos olmos e pilares despidos, sarmentos, cepas mirradas, e a parra roída de crespa ferrugem».
 - 2.2. Atribuiu-a ao «Deus cruel».
3. Imaginava que seria um feiticeiro capaz de fazer magia com maior vigor e que o ajudaria a troco de dinheiro ou de alfaias.
 - 3.1. Não, porque facilmente reconhecerá o erro do juízo de Obed sobre Jesus Cristo.
4. Lago de Tiberíade; Pescador; Desde o mês de Ijar, o «rabi de Nazaré» seguira, com os seus discípulos, o curso do Jordão. Vau do rio Jordão; Homem da tribo dos Essénios; O «novo rabi da Galileia» atravessara o oásis de Engandi e adiantara-se para as terras de além-Jordão, a planície de Moab. Poço de Jacob; Cameleiros; Um «rabi maravilhoso» fizera milagres em Gadara. Gadara e nascentes de Amalha; Nessa madrugada, Jesus embarcara num batel de pesca e navegara para Magdala. Terras da Judeia Romana; Fariseu; Não existiam profetas ou milagres fora de Jerusalém, e da Galileia surgiam os néscios e os impostores.
 - 5.1. A face «adunca» que «escureceu enrugada», a «cólera», que «retumbou como um tambor orgulhoso», o «punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados», a fúria com que apedrejou os servos de Obed e o modo como, «uivando», se lhes dirigiu.
 - 5.2. A face, porque escureceu enrugada em consequência da sua cólera, o punho enrodilhado de dísticos sagrados, que ergueu devido a essa cólera, e a voz, porque era semelhante a um uivo quando insultou os escravos de Obed.
 - 5.3. Na passagem «[...] e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso», são utilizadas a comparação e a personificação.
6. O comentário está correto, pois desistiram de procurar Jesus e regressaram a Enganim.
7. A perda do gado e das vinhas enquanto cresciam alegremente a fama de Jesus e a esperança que ela trazia.
 - 7.1. Foi castigado por ser orgulhoso ao ponto de acreditar que Jesus o auxiliaria em troca do seu dinheiro ou de alfaias.

C.

1.
 - a) «roía», «definhava», «alongando».
 - b) «dor», «verme», «mal subtil e lento, estranho», «Branca e triste», «negros olhos tristes».
 - c) «palidamente», «saudosamente», «vagarosamente»
 - d) Comparação: «uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa, como um verme rói um fruto muito suculento»; «Branca e triste como a Lua num cemitério».

- 1.1. É transmitida através da descrição do voo da flecha que um legionário «apontava vagarosamente» ao céu e que ia varar uma águia, seguida pelos olhos da filha de Públio Sétimo até «bater morta sobre as rochas».
2. Manifestaram um comportamento agressivo e desrespeitoso: «invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas»; «derramavam com tumulto a sua cólera»; «detinham os peregrinos, gritando o nome do rabi, rasgando os véus às virgens»; «invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas sinagogas e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas Thebahs»; «arrastaram os solitários pelas barbas para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o rabi»; «dois mercadores fenícios [...] a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito cem dracmas a cada decurião».
- 2.1. Desconfiavam que os judeus quisessem esconder «o seu feiticeiro», para que os romanos não tirassem proveito dos seus feitiços.
- 2.2. «as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho»; «Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumeia, que levam as reses brancas para o Templo, fugiam espavoridos para as serranias»; as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrojavam sobre eles as Más Sortes, invocando a vingança de Elias».
- 2.3. «tumultuosamente».
3. Os soldados romanos apenas souberam da passagem de Jesus através da esperança que ia deixando nas populações.
- 3.1. Os soldados deixavam o medo e a revolta; Jesus deixava a esperança e a alegria.
4. Desistiram de procurar Jesus, em face das palavras do velho encontrado à porta de um templo, que os acusou de acreditarem em profetas que desafiavam a ordem instituída pelos deuses.
5. Saíram de Cesareia, seguiram pela estrada romana que atravessava a tetarquia de Herodes, correram a Baixa Galileia, chegaram às cercanias de Hébron, erraram até Áscalon e regressaram à fortaleza de Cesareia.
6. Encontramos o contraste entre a morte da filha de Públio Sétimo e a vida que a fama de Jesus proporcionava.
- 6.1. A sua filha morre sem que ele tivesse conseguido obter o auxílio de Jesus, cuja fama, no entanto, continuava a difundir-se e a trazer alento.

D.

1. Relação de contraste: a miséria e o abandono da mulher opõem-se à prosperidade e ao poder de Obed e Públio Sétimo.
2. Decorre num lugar isolado e miserável.
3. Antecedentes: a doença da criança, que jazera sete anos numa «enxerga apodrecida», «mirrando e gemendo», o facto de a doença também ter engelhado a mãe «dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada» e a miséria de ambos, que não tinham outro alimento além de ervas cozidas.

4.

- a)** «mirrando» «gemendo»;
- b)** «mais escura e torcida que uma cepa arrancada»;
- c)** «E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo»;
- d)** «a mãe mais vergada, mais abandonada»;
- e)** «num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa»;
- f)** «a nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende»;
- g)** «A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha»;
- h)** «E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado»;
- i)** «Tão rota, tão trôpega, tão triste».

5. «Um dia».

5.1. Partilha do seu farnel com a mãe e fala de Jesus.

5.2. «mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia indicada pelo mendigo no seu discurso».

6. Uso das palavras «mata»/«cidade» e «toca» / «palácio», que transmitem a extensão do percurso realizado pelos servos de Obed e pelos soldados de Públio Sétimo em busca de Jesus, bem como a inutilidade dos seus esforços.

7. O filho pede à mãe para lhe trazer Jesus.

7.1. A mãe argumenta que, não tendo Obed ou Públio Sétimo encontrado Jesus, não poderia ela, tão miserável, consegui-lo. Argumenta ainda que não poderia abandonar o filho para procurar Jesus e que, se o fizesse, estaria à mercê de dificuldades várias.

8. Enquanto os servos de Obed e os soldados de Públio Sétimo, a mando desses homens orgulhosos, se esforçaram por encontrar Jesus, sem acreditarem verdadeiramente no seu poder, bastou o pedido sincero e humilde de uma pobre criança, que acreditou verdadeiramente na sua mensagem, para que Jesus fizesse o «suave milagre» de lhe aparecer, cumprindo o seu simples desejo.

9. «rabi da Galileia»; «rabi de Nazaré»; «profeta novo da Galileia».

9.1. Sinédoque.

